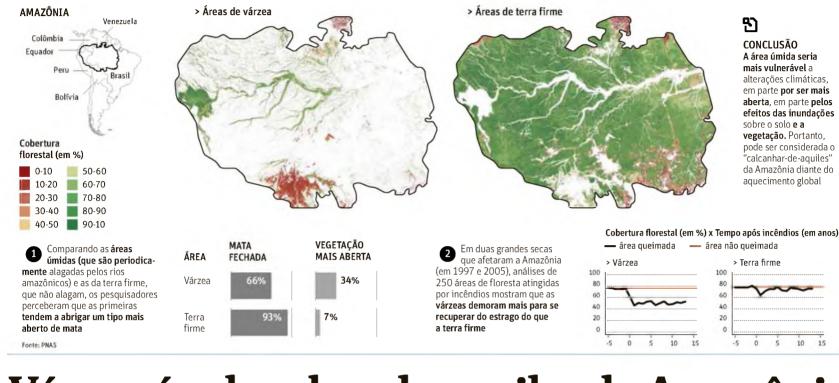
FOGO NAS ÁGUAS Por que regiões alagadas da mata podem ser mais vulneráveis



Várzea é calcanhar de aquiles da Amazônia

Áreas inundáveis são as mais vulneráveis a incêndios e a se transformar em savanas com mudanças climáticas

Vegetação tem muito combustível acumulado e se recupera de forma mais lenta, o que ajuda a explicar paradoxo

REINALDO IOSÉ LOPES

Um paradoxo assustador pode fazer com que a região da Amazônia mais vulnerável a incêndios catastróficos e a se transformar em savana por causa das mudanças cli máticas seja a que passa me-tade do ano debaixo d'água.

Tais áreas úmidas estão no coração da bacia do Amazonas e, se nada for feito, acabarão virando o calcanhar de aquiles da floresta diante do aquecimento global, alertam pesquisadores do Brasil, da Holanda e da China em artigo na revista científica "PNAS"

"Estamos falando de um sé-timo da Amazônia, o que não é pouca coisa", ressalta o ecólogo carioca Bernardo Flores. um dos autores do estudo, que fez seu doutorado na Univer-sidade de Wageningen, na Holanda. "Os estudos anteriores tinham ignorado essas áreas inundáveis, e o que a gente es-tá descobrindo é que elas têm uma alta inflamabilidade."

Trocando em miúdos: pe gam fogo com surpreendente facilidade.

O espectro da savanização -a transformação da floresta fechada em áreas de vegetação aberta, com características de savana— ronda a Amazônia há tempos. Essa possibilidade aparece em modelos computacionais que tentam prever o que ocorrerá com a mata conforme a temperatura global aumentar.

Entre as consequências prováveis do calor aumenta-

do nas próximas décadas está a multiplicação dos even-tos climáticos extremos e, em especial, dos episódios de seca prolongada. Em tese, a tendência é que

as beiradas amazônicas sul e o leste da região-estivessem mais sujeitas à savanização, uma vez que já são regiões relativamente mais secas e sazonais (com estacões do ano mais marcadas).

Quando os diferentes tipos de mata da região são examinados de forma detalhada, porém, o cenário muda.

O primeiro ponto importan-te verificado pelos pesquisa-dores é que as áreas úmidas, nas quais a floresta é inunda-da por meses todo santo ano, têm uma cobertura vegetal na turalmente menos densa que as áreas "de terra firme", onde não se dá essa inundação: 66% de mata fechada contra 93%, respectivamente.

Isso significa que as áreas inundáveis já são mais abertas à influência da luz solar e de outros parâmetros que podem ressecá-las.

RECUPERAÇÃO LENTA

Mas o dado mais revelador vem do estudo de centenas de áreas florestais amazônicas durante e após duas grandes secas que afetaram a ba-cia em anos recentes (1997 e 2005). Nesses episódios, as áreas úmidas, por incrível que pareça, demoram muito mais para se recuperar do que a mata de terra firme.

"É uma vegetação difícil de secar, mas, quando seca, ela tem muito combustível acumulado, por conta de fatores como as raízes mais finas. que juntam muita matéria or-

gânica", conta Flores. Além disso, a queima das matas úmidas costuma ser mais insidiosa e lenta, matan-

do uma quantidade considerável de árvores pela raiz. "Com impacto mais pro-

longado e recuperação mais lenta, a vegetação se mantém aberta por mais tempo e corre mais risco de ser aprisionada pelo fogo num estado aberto —essa é basicamente a definição de savana, uma vegetação que é mantida, em grande medida, pela intera-ção com o fogo", explica.

PEIXE EM PERIGO

Se esse cenário estiver correto, as implicações podem

ser consideráveis.

Nessas áreas, a riqueza de peixes tem relação estreita com a matéria orgânica que a floresta lança na água, por meio de frutos que são comidos pelos bichos ou por detri-tos que alimentam invertebrados, os quais são alimento para outros peixes. Danificar a mata é atacar a base dessa ca-

deia de interdependências. Em escalas maiores, o avanço dessa bagunça ecológica nas áreas úmidas pode ria desencadear um efeito dominó em toda a floresta.

Como se não bastasse, tais regiões são ricas em turfeiras acúmulos de matéria orgâ-nica já bastante decomposta que estão no fundo dos rios e podem queimar com intensi-dade cada vez maior num contexto mais seco. Essa queima intensificaria ainda mais as mudanças climáticas.

Enquanto as iniciativas globais para diminuir as emissões de gases-estufa ainda patinam, é possível mini-mizar os riscos desse processo descontrolado atuando na própria Amazônia, diz Flores.

Dá pra controlar o uso do fogo. Nos anos de seca extre-ma, é possível emitir alertas sobre o risco de provocar incêndios descontrolados", diz.



图

CONCLUSÃO

A área úmida seria mais vulnerável a alterações climáticas, em parte **por ser mais** aberta, em parte pelos efeitos das inundações sobre o solo **e a** vegetação. Portanto,

pode ser considerada o

'calcanhar-de-aquiles' da Amazônia diante do

aquecimento global

Pescadores na comunidade do latuarana na beira do rio Amazonas, zona rural de Manaus